



## NIETZSCHE, RESENTIMENTO E A INOCÊNCIA DO ESQUECIMENTO

## NIETZSCHE, RESENTMENT AND THE INNOCENCE OF FORGETFULNESS

José Carlos Silva Rocha Costa<sup>1</sup>  
Roberto Roque Lauxen<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo pretende discutir o conceito de ressentimento na *Genealogia da moral* de Friedrich Nietzsche e em outros escritos do filósofo. Analisaremos o ressentimento em duas perspectivas. Em primeiro lugar, o ressentimento entendido como o problema individual do homem vingativo, fraco, adoecido pela incapacidade de dar conta das impressões que chegam à sua consciência. Neste primeiro momento, o ressentimento se expressa como memória das marcas, nas quais as forças ativas, aquelas que permitem a renovação da consciência estão interiorizadas no homem reativo. Posteriormente, trataremos o ressentimento como espírito de vingança, como um modo doente de existir, uma vez que o sujeito que interioriza seus instintos criadores assume como meio de vida a vingança contra os saudáveis. Nesta segunda perspectiva, o ressentimento se apresenta como um fenômeno social, cuja sede de vingança se encontra no corpo político e moral cuja organização visa a produção do homem manso, civilizado, animal doméstico, o antípoda do homem de exceção, isto é, do homem nobre nietzschiano.

**Palavras-chave:** Consciência; Doença; Memória; Ressentimento.

**ABSTRACT:** This paper intends to discuss the concept of resentment in Friedrich Nietzsche's *Genealogy of Morals* and in other writings of the philosopher. We will analyze resentment from two perspectives. First, resentment understood as the individual problem of the vengeful, weak man, sickened by his inability to account for the impressions that reach his consciousness. In this first moment, resentment is expressed as memory of the marks, in which the active forces, those that allow the renewal of consciousness are internalized in the reactive man. Later, we will treat resentment as a spirit of revenge, as a sick way of existing, since the subject who internalizes his creative instincts assumes as a way of life revenge against the healthy ones. In this second perspective, resentment is presented as a social phenomenon, whose thirst for revenge is found in the political and moral body whose organization aims at the production of the meek, civilized, domestic animal man, the antipode of the man of exception, that is, the noble man of Nietzsche.

**Keywords:** Conscience. Illness. Memory. Resentment.

<sup>1</sup> Mestrando em Filosofia. Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: [jcsrcef@gmail.com](mailto:jcsrcef@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em Filosofia. Professor Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Email: [rlauxen@gmail.com](mailto:rlauxen@gmail.com)



## INTRODUÇÃO

O escopo do presente artigo se desenvolve na esteira de dois questionamentos: como poderia o homem exteriorizar seus impulsos em criação de sentido e valor quando estão submetidos a uma moral do ressentimento que refreia justamente os impulsos criadores? De modo direto, como a moral do ressentimento se configura como elemento constitutivo do homem moderno? O conceito do ressentimento ocupa um papel decisivo na crítica de Nietzsche ao homem moderno. Em termos individuais, o filósofo entende o ressentimento como um efeito próprio da decadência que se apresenta como a incapacidade de reação frente aos conflitos da vida e pelo auto envenenamento de uma vontade de vingança frustrada. Há, neste sentido, uma relação intrínseca entre ressentimento e a incapacidade de digerir acontecimentos. A patologia do ressentimento caracteriza-se pelo deslocamento das forças, através da invasão da memória para dentro da consciência. Ao transmutar a memória em consciência, o ressentido não suprime a consciência, mas deixa-a fixa como uma chaga supurante, uma lembrança aflitiva que nunca é esquecida, mas sim, ressentida a cada vez que a memória é ativada. Em termos coletivos, o ressentimento assume o contorno de um problema social na medida que cria valores e corresponde a uma moral. Nietzsche chama de moral escrava os valores que estimulam os sentimentos de culpa e ressentimento, valores estes, que são promovidos e reforçados pela moral judaico-cristã. A moral escrava, como Nietzsche descreve em sua *Genealogia da moral*, tem início com a ascensão da moral sacerdotal cujo núcleo está ligado ao ódio e ao rancor contra a moral dos mestres. Toda vez que esta moral promove valores, expressos na negação da vida biologicamente saudável, ela impede o auto cultivo e afirmação de si, por conseguinte, contribui para a interiorização dos instintos ativos e criadores.



## O RESSENTIMENTO ENTENDIDO COMO DOENÇA

O ressentimento é um afeto que a maioria não admite sentir, o motivo dessa omissão, por certo, se deve ao fato que o fenômeno psicológico do ressentimento se constitua por outros afetos tristes: o ódio, a inveja, o desejo de vingança e o rancor são os seus pressupostos. Semanticamente, a palavra ressentimento carrega o sentido do “ódio impotente contra aquilo que não se pode ser ou não se pode ter” (ABBAGNANO, 2007, p. 855). Em primeiro lugar, o ressentimento é caracterizado por Nietzsche como um modo de viver enfraquecido, no qual o instinto de vida está esmorecido no homem, com efeito, predomina uma disposição para a vingança. O ressentimento como fenômeno psicológico individual, está, para Nietzsche, relacionado à incapacidade de superar obstáculos e descarregar os instintos criadores. Desta maneira, o estar doente manifesta um enfraquecimento do seu instinto de cura, cuja fraqueza é traduzida em um modo de viver no qual os instintos de defesa e ofensa estão abatidos. “Se existe algo em absoluto a objetar no estado de doença e de fraqueza, é que nele esmorece no homem o verdadeiro instinto de cura, ou seja, o *instinto de defesa e ofensa*. Não se sabe nada rechaçar, de nada dar conta – tudo fere” (NIETZSCHE, 1995, p. 30<sup>3</sup>). O ressentido busca encontrar culpados pelo seu sofrimento, porém, na vingança, a saúde não retorna, o desejo de vingança acaba por envenenar a própria alma do sofredor, “nenhuma chama nos devora tão rapidamente quanto os afetos do ressentimento” (NIETZSCHE, 1995, p. 30). Em *O humano como memória e como promessa*, Oswaldo Giacoia Junior assevera que “o ressentimento constitui a doença propriamente dita, aquilo que mantém obstruído o processo de assimilação psíquica das vivências” (2013, p. 192-193). Nesta interpretação, o homem do ressentimento é o sujeito incapaz de digerir suas vivências, sua única reação é a não ação, a

---

<sup>3</sup> Em relação às citações que serão utilizadas ao longo deste artigo, sobremaneira as citações dos textos de Nietzsche, todas serão referidas como constam no texto de origem, ou seja, contendo os grifos ou marcações do autor.



interiorização dos seus impulsos violentos se expressa em um modo de viver enfermo. Por falta da verdadeira reação dos atos, o homem debilitado pelo ressentimento se torna um passivo doente com o mundo interior obstruído.

O aborrecimento, a suscetibilidade doentia, a impotência de vingança, o desejo, a sede de vingança, o revolver venenos em todo sentido – para os exaustos é esta certamente a forma mais nociva de reação: produz um rápido consumo de energia nervosa, um aumento doentio de secreções prejudiciais, de bÍlis no estômago, por exemplo. O ressentimento é o proibido *em si* para o doente – *seu* mal: infelizmente também a sua mais natural inclinação (NIETZSCHE, 1995, p. 30-31).

Em oposição ao homem do ressentimento, Nietzsche caracteriza o nobre como ativo e capaz de exteriorizar seus instintos, sendo repleto de vida e capaz de expressar como modelo de confiança e força a si mesmo, “...o homem nobre vive com confiança e franqueza diante si mesmo (γενναῖος, “nobre de nascimento”, sublinha a nuance de “sincero” e talvez também “ingênuo”), o homem do ressentimento não é franco, nem ingênuo, nem honesto e reto consigo” (NIETZSCHE, 1998, p.30). Enquanto o homem do ressentimento é inundado por sentimentos venenosos que no subterrâneo de sua consciência o torna o mestre do ódio, o homem nobre afirma seus instintos e mesmo quando experimenta uma impressão que lhe causa dor e sofrimento, transmuta essa impressão em mais potência, pois sua fisiologia lhe proporciona isso. “Mesmo o ressentimento do homem nobre, quando nele aparece, se consome e se exaure numa reação imediata, por isso não *envenena*” (NIETZSCHE, 1998, p. 31). Em uma obra recente e importante sobre o tema, Antonio Edmilson Paschoal, define assim o homem do ressentimento:

Trata-se, de um homem que não reage frente às adversidades da vida e que atribui a origem de seus infortúnios a um terceiro, àquele outro que ele compreende como culpado de seu sofrimento (PASCHOAL, 2015, p. 42-43).



Todo estímulo de fora é recebido como uma agressão, tudo o ofende, tudo o fere, nada passa por ele sem ser amaldiçoado. Como suas forças estão interiorizadas – em clara oposição à exteriorização da força do nobre –, ele se revolta contra tudo o que é diferente. A sede de vingança não cessa perante sua impotência em digerir seus conflitos. Desta forma, o outro deveria agir por ele, como isso não acontece, seu sofrimento e sua dor se multiplicam.

Esse homem que não responde com atos às adversidades da vida, acumula em si o veneno que deveria descarregar para fora por meio dos atos, além de não possuir um “estômago” forte o suficiente para digerir aquela peçonha, que permanece acumulada, hipertrofiando o seu mundo interior (PASCHOAL, 2015, p. 43).

Como um dispéptico doente do estômago que não consegue digerir o alimento, o homem do ressentimento não consegue assimilar suas vivências, aquilo que na *Genealogia da moral* Nietzsche chama de assimilação psíquica saudável. Ele não possui a força ativa do *esquecimento*, que permite a consciência experimentar o novo, como uma consciência plástica. O ressentimento surge no homem como doença em virtude da sua incapacidade de esquecer e organizar seu mundo interior:

Sequestrada pelo ressentimento, a doença se torna fraqueza num sentido particularmente perigoso: em razão da debilidade, o ressentimento invade e domina a consciência do sofredor, transtornando o metabolismo psicológico que regula a alternância entre percepção, esquecimento e memórias das vivências, sobretudo o processo de assimilação dos traços de lembranças negativas (GIACOIA JUNIOR, 2013, p. 192).

Como uma doença que nos priva da leveza da saúde, o ressentimento sobrecarrega a consciência com impressões subterrâneas, o próprio “estar doente é em si uma forma de ressentimento” (NIETZSCHE, 1995, p. 30). Esse homem se encontra enfermo pois seus



impulsos ativos se encontram interiorizados e se voltam contra o próprio sujeito, promovendo assim, a causa de sua má consciência e sendo sinônimo de ressentimento.

### **A FORÇA ATIVA DO ESQUECIMENTO**

No início da segunda dissertação de sua *Genealogia da moral*, Nietzsche afirma que a atividade de esquecer não é uma simples força de inércia, mas uma força ativa, propiciadora da fluidez e da renovação da consciência.

Esquecer não é uma simples *vis inertiae* [força inercial], como crêem os superficiais, mas uma força inibidora ativa, positiva no mais rigoroso sentido, graças à qual o que é por nós experimentado, vivenciado, em nós acolhido, não penetra mais em nossa consciência, no estado de digestão (ao qual poderíamos chamar de “assimilação psíquica”) (NIETZSCHE, 1998, p. 47).

Sem essa força ativa saudável, o indivíduo não poderia redimir as impressões do passado alojadas na consciência. Essa força ativa e saudável é a condição de possibilidade o sujeito se contrapor ao ressentimento. Sem ela não seria possível eliminar os vermes do ressentimento que se alojam na consciência do homem moderno. O esquecimento não viria apagar as marcas já produzidas pela memória, mas, antecedendo à sua própria inscrição, impediria, inibiria qualquer fixação. Nesse sentido, a memória é pensada como uma faculdade reativa. Em termos orgânicos, “o próprio Nietzsche apresenta a memória como uma digestão que não termina...” (DELEUZE, 2018, p. 151). É a memória que se sobrepõe ao esquecimento, tornando o homem incapaz de esquecer, ou melhor, de digerir as impressões recebidas pela consciência. A qualidade da faculdade do esquecimento, associada ao processo digestivo e fisiológico do corpo, Nietzsche o traz para o âmbito da filosofia e do espírito. A noção de assimilação psíquica saudável é o que apoia a consciência e reconstitui, a cada instante, a sua frescura, a sua fluidez, o seu elemento químico móvel e



leve. Sem essa força ativa saudável, não poderíamos pensar o novo. O esquecimento possui, portanto, uma relevância considerável do ponto de vista psíquico, e “logo se vê que não poderia haver felicidade, jovialidade, esperança, orgulho, presente, sem o esquecimento” (NIETZSCHE, 1998, p. 47-48). O indivíduo no qual esse aparelho inibidor é danificado e deixa de funcionar pode ser comparado a um dispéptico que de nada consegue rechaçar. Em oposição, o nobre:

Não consegue levar a sério por muito tempo seus inimigos, suas desventuras, seus *malfeitos* inclusive eis o indício de naturezas fortes e plenas, em que há um excesso de força plástica, modeladora, regeneradora, propiciadora do esquecimento (NIETZSCHE, 1998, p. 31).

Em um corpo obstruído no qual predominam as forças reativas, existe o desenvolvimento da faculdade oposta ao esquecimento, ou seja, existe o desenvolvimento de uma memória como uma maneira de suplantar as forças ativas. “Uma vez minada a força plástica do esquecimento, o sofredor se torna incuravelmente ressentido, porque sua consciência é pervadida pelos traços das lembranças aflitivas, que atraem como imã a energia dos outros estados psíquicos” (GIACOIA, 2013, p. 192). Partindo deste pressuposto para descrever o funcionamento interno da memória, o passado é o algoz cruel do homem do ressentimento. Através de uma descoberta da obra do escritor russo Dostoiévski, Nietzsche se viu inserido na discussão literária e filosófica de seu tempo, a ideia do homem do ressentimento de Nietzsche está muito próxima do que o literato russo chamou de *homem do subsolo* ou *homem da consciência hipertrofiada*. Nietzsche escreve a seu amigo Overbeck em 23 de fevereiro de 1887:

Até algumas semanas atrás, não conhecia de Dostoiévski nem mesmo o nome [...] um acaso numa livraria colocou em minhas mãos à obra recém-traduzida para o francês ‘L’esprit souterrain’ (acazos iguais me introduziram a Schopenhauer em meu 21º ano de vida e a Stendhal, aos 35 anos!). O instinto do parentesco (ou como poderia chamá-lo?) se



manifestou imediatamente, minha alegria foi extraordinária (JANZ, 2016, p. 384).

Em seu livro *Memórias do subsolo*, Dostoiévski apresenta em sua narrativa um tipo psicológico caracterizado pela impotência e sede de vingança. O homem do subsolo é o sujeito incapaz de gentilezas, de ações nobres, de amizade. Vive sempre ofendido, sobrecarregado com alguma desdita, hipertrofiando sua consciência com sentimentos ruins como é exemplificado nesta passagem: “... tenho, por exemplo, um terrível amor-próprio. Sou desconfiado e me ofendo com facilidade, como um corcunda ou um anão [...]” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 20). Semelhante ao homem do ressentimento de Nietzsche, ele não consegue esquecer, “...há de lembrar, quarenta anos seguidos, a sua ofensa, até os derradeiros e mais vergonhosos pormenores; e cada vez acrescentará por sua conta novos pormenores, ainda mais vergonhosos, zombando maldosamente de si mesmo e irritando-se com a sua própria imaginação” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 23). Pois nele, não ocorre aquilo que é saudável e constituidor da força ativa do homem nobre. Apenas o nobre possui a característica de não levar a sério os seus próprios infortúnios e esquecê-los, para poder abrir espaço para as novas criações em sua memória e consciência, enquanto o ressentido sofre por não conseguir esquecer suas dores.

O mecanismo ativo do esquecimento permite que a vontade fique livre para poder criar. Desta maneira, o homem nobre é uma esperança para o futuro, mesmo quando ele se ressent de algo, pois ele não deixa de sentir. A diferença entre o nobre e o ressentido está na forma como o primeiro ressent: sua reação ao que lhe aconteceu é imediata, ele sacode de si os vermes que no homem do ressentimento ficariam profundamente enraizados. Nele o ressentimento é expresso na ação; no homem enfermo, o ressentimento é internalizado passivamente, como revolta contra a vida. Para além da falta de ação, o ressentimento se expressa como espírito de vingança como necessidade passiva de acusar, como única forma de obter reparação perante o homem que afirma seus instintos. Neste





processo, nada cria, apenas reage, como afirma Vânia Dutra de Azeredo no verbete Ressentimento do *Dicionário Nietzsche*:

Em virtude de não ter mais a sua reação acionada, revolta-se contra tudo com que se depara e sente necessidade de vingar-se dos outros, enquanto derivação direta de sua incapacidade de agir e reagir à excitação, de forma que passa a conceber o mundo como a razão do seu ressentimento (AZEREDO, 2016, p. 365).

Porém, a vingança só acontece na imaginação do sofredor, “...o ressentimento dos seres aos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma *vingança imaginária* obtêm reparação” (NIETZSCHE, 1998, p. 28-29). Uma vez que ela impede o ressentido de experimentar uma relação saudável com a vida, cuja expressão é a expansão de potência. O equívoco antropológico da constituição do ressentido não está fora dele e sim na sua maneira de reagir àquilo que lhe acontece. Viver é passar o tempo investindo nos impulsos que conservam sua existência, como único meio de reparação que encontra, como acusador.

Precisamente esse animal que necessita esquecer, no qual o esquecimento é uma força, uma forma de saúde *forte*, desenvolveu em si uma faculdade oposta, uma memória, com cujo auxílio o esquecimento é suspenso em determinados casos – nos casos em que se deve prometer: não sendo um simples não-mais-poder-livrar-se da impressão uma vez recebida, não a simples indigestão da palavra uma vez empenhada, da qual não conseguimos dar conta, mas sim um ativo não-mais-querer-livrar-se, um prosseguir-querendo o já querido, uma verdadeira *memória da vontade* (NIETZSCHE, 1998, p. 48).

É por causa desta má digestão das impressões que lhes chegam ou, em linguagem nietzschiana, por causa do funcionamento dispéptico da consciência, que o sujeito sente dores e sofrimentos constantes. O problema para o ressentido é que as marcas do passado não podem mais ser mudadas, uma vez que a vontade não pode andar para trás. O



ressentido se assemelha a um navio cuja âncora foi lançada em um mar de lembranças dolorosas.

### **MEMÓRIA DAS MARCAS E DAS IMPRESSÕES**

Um dos aspectos do ressentimento, para Nietzsche, configura-se como memória das marcas, visto que o homem, fisiologicamente debilitado, não dispõe da força ativa do esquecimento. Sua incapacidade de esquecer faz com que ele vivencie inúmeras vezes suas memórias. Esse ressentimento o impede de criar. O “assim foi”, lhe marca profundamente, o passado, portanto, é o seu algoz cruel. Por conseguinte, o futuro, expresso na vontade de potência que quer expandir a vida e intensificá-la, é entrevada pelo ressentimento. Nietzsche compreende o corpo como um campo de forças, no qual existe encontros de forças e pulsões que se chocam e se expandem o tempo todo. Essas forças se configuram como vontade de potência que “... não é busca de um atributo ou de um estado exterior a si, mas processo de intensificação do poder que se é” (WOTLING, 2011, p. 62). No entanto, a vontade, de biológica e naturalmente criadora, na existência do homem do ressentimento, passa a ser causa de dores. No discurso *Da redenção do Assim falou Zaratustra*, Nietzsche afirma: “‘Foi’: Assim se chama o ranger de dentes e solitária aflição da vontade. Impotente quanto ao que foi feito – ela é uma irritada espectadora de tudo que passou” (NIETZSCHE, 2011, p. 133).

O homem que não consegue transmutar “Assim foi” em um “Assim eu quis!” e afirmar o acaso, sofre por não conseguir redimir o passado e, conseqüentemente, sua vontade não consegue criar e se expandir. “Redimir o que passou e transmutar todo ‘Foi’ em Assim eu quis! – apenas isto seria para mim redenção!” (NIETZSCHE, 2011, p. 133). O passado se torna um fardo, pois suas marcas não desceram para o processo de digestão no inconsciente. O acaso, ou seja, a definição do que lhe aconteceu, não foi absorvido pelo seu organismo. Assim como alimento quando absorvido torna o organismo forte e quando não



absorvido debilita-o, assim também o passado deixa a sua marca, uma vez que ele foi incapaz de transmutá-lo em seu alimento. Na obra *Crepúsculo dos ídolos* Nietzsche apresenta esta ideia de transmutar. Assim como os alquimistas pretendiam transmutar uma substância menos nobre em ouro, Nietzsche ensina transmutar o que aconteceu ao sujeito, (o passado) em mais potência (no presente). Ele sintetiza esta ideia claramente em uma máxima: “Da escola de guerra da vida – o que não me mata me fortalece” (NIETZSCHE, 2006, p. 10). Aquilo que aconteceu de ruim, no sentido extra moral, no homem fisiologicamente bem constituído, vai para o processo de digestão no inconsciente, servindo de alimento para que ele se torne mais forte, expanda mais sua potência em intensificação vital.

A dispepsia do homem reativo se torna crônica e visível, cujo resultado é o estabelecimento de uma relação ressentida com a vida. A relação com os seus infortúnios proporciona o desenvolvimento de um espírito de vingança. O reativo sente a necessidade de culpar alguém pela sua incapacidade de digerir as marcas do passado. Ele sofre e sente a necessidade de apontar a causa de seu sofrimento, “... o que revolta no sofrimento não é o sofrimento em si, mas a sua falta de sentido” (NIETZSCHE, 1998, p. 58). Enfermo, psicologicamente falando, para esquecer, ele transforma a memória como fonte da vida. Ao ressentir do passado, transformando o esquecimento em memória, sua existência se constituiu como uma doença. Sua obra, diferentemente da criação nobre, não passa de uma rebelião, de uma negação de tudo o que foi criado, como escreve Nietzsche:

A rebelião escrava na moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores: o ressentimento dos seres aos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma vingança imaginária obtêm reparação. Enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesma, já de início a moral escrava diz Não a um “fora” um “outro” um “não-eu” – e este Não é seu ato criador (NIETZSCHE, 1998, p. 28-29).



Sua vingança, criará, segundo Nietzsche, os mais terríveis inimigos porque são os mais impotentes. Nietzsche se refere à figura do sacerdote asceta, que representa o mestre do ódio da tradição ocidental. Mas com a acusação sua saúde não retorna, porque a causa de seu sofrimento está relacionada com sua fisiologia, ou seja, com o seu corpo. A partir da crença na demonização dos seus instintos, introduzida pelo sacerdote, o homem reativo interioriza seus impulsos ativos, transmutando-os em sofrimento, pois seus instintos estão aprisionados: “...todos os instintos que não se descarregam para fora voltam-se para dentro – isto é o que chamo de interiorização do homem” (NIETZSCHE, 1998, p. 73). Todos seus instintos ativos de animal rapinante; a sede de domínio, o prazer na destruição, a crueldade perante o inimigo, a hostilidade, o assenhorar-se do poder, se voltam contra o próprio sujeito, revelando a sua natureza, pois a tentativa de domesticar o animal homem, é destruí-lo.

Esse homem que, por falta de inimigos e resistências exteriores, cerrado numa opressiva estreiteza e regularidades de costumes, impacientemente lacerou, perseguiu, correu, espicou, maltratou a si mesmo, esse animal que querem “amansar”, que se fere nas barras da própria jaula, este ser carente. [...] esse tolo, esse prisioneiro presa da ânsia e do desespero tornou-se o inventor da “má consciência” (NIETZSCHE, 1998, p. 73).

Esse homem que não consegue descarregar para fora seus impulsos violentos, como bem escreveu Nietzsche, acaba por se ferir dentro de sua própria jaula. A partir da criação do estado e da regularidade dos costumes e dos valores assumidos como “bons”, os homens se tornaram animais domésticos, cada vez mais mansos por falta de resistências exteriores.

Em si, ofender, violentar, explorar, destruir não pode naturalmente ser algo “injusto”, na medida em que essencialmente, isto é, em suas funções básicas, a vida atua ofendendo, violentando, explorando, destruindo, não podendo sequer ser concebida sem esse caráter (NIETZSCHE, 1998, p. 65).



É a partir deste traço distintivo da existência que a própria vida aparece ao ressentido como algo negativo e hostil. Logo, é através de uma avaliação negativa da existência que ele passa a definir a vida, ou seja, a partir de seu aspecto antinatural. A consequência desta avaliação negativa, atinge e fundamenta a moral do homem ressentido, pois esta é a exteriorização do caráter antinatural. O homem moderno, condicionado a uma moral que vai contra a natureza de seus próprios instintos, acabada negando a vida. Como consequência desta negação, segundo Nietzsche, surge a má consciência, que se expressa no sentimento de culpa e de vingança contra os fortes. Para o ressentido esta é a única forma de reparação. No discurso do *Assim falou Zaratustra* intitulado *Das tarântulas*, Nietzsche usa a imagem da tarântula como signo da vingança do ressentimento:

Vingança trazes na alma: onde mordes, cresce uma crosta negra; com vingança teu veneno faz a alma girar! Então falo convosco por imagens, vós que fazeis rodar a alma, vós, pregadores da igualdade! Tarântulas sois para mim, e seres ocultamente vingativos! Mas porei à mostra vossos pontos ocultos: por isso vos rio no rosto minha risada das alturas (NIETZSCHE, 2011, p. 95).

A tarântula que morde e que prega a igualdade, ou seja, o homem do ressentimento, o vingativo, ele se vinga em relação a quem? Se vinga em relação ao senhor, em relação ao nobre, contra o forte, contra aquele que é diferente dos ressentidos, contra aquele que esquece e se alegra por não pertencer ao rebanho, por ser senhor de si mesmo e por se alegrar com sua própria diferença. Em síntese, o ressentido se vinga em relação a todos aqueles que expandem a sua potência e afirmam a sua natureza e seus instintos, através da criação.

Eu vos levei para bem longe dessas cantigas fabulosas, quando vos ensinei que 'a vontade é criadora'. Todo 'Foi' é um pedaço, um enigma, um apavorante acaso – até que a vontade criadora fala: 'Mas assim eu quis' [...] A vontade já se tornou seu próprio redentor e mensageiro da alegria?



Desaprendeu o espírito de vingança e todo ranger de dentes? (NIETZSCHE, 2011, p. 134).

Em um outro discurso, aquele das *Três metamorfoses do espírito* Nietzsche compara o nobre, ou seja, o criador de novos valores como uma criança, por possuir intacta a faculdade do esquecimento e por dizer sim a vida.

Inocência é a criança, e esquecimento; um novo começo, um jogo, uma roda a girar por si mesma, um primeiro movimento, sagrado dizer-sim. Sim para o jogo da criação, meus irmãos, é preciso um sagrado dizer-sim: o espírito quer agora sua vontade, o perdido para o mundo conquista seu mundo (NIETZSCHE, 2011, p. 29).

A vontade do homem nobre é livre para poder criar os seus próprios valores. Sua vontade equivale a um dizer sim à vida, um querer a mudança e o conflito, um desejar o devir. Esse dizer sim, presente e natural em toda criança, fisiologicamente saudável, aniquila todo ressentimento. A vontade que é, por essência, criadora, anseia pela sua liberdade, faz de tudo para expressar a sua liberdade através da conquista do seu mundo. A vontade do homem ressentido, no extremo oposto da vontade do homem nobre, constitui a causa de sua desventura. O ressentido, a exemplo da tarântula, possui apenas um desejo, apenas um querer que o motiva: quer que todos sejam iguais no ressentimento, pois ela odeia a diferença. Não é através de sua vitalidade e sim por meio de sua impotência e de seu ódio que o ressentido deseja o reino da igualdade entre todos. Para o homem da moral do ressentimento os fortes não podem exercer sua força e afirmar seus instintos, eles devem ser animais domésticos, mansos e culpados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O grande mérito de Nietzsche, em sua *Genealogia da moral*, foi conceder uma grande importância para o ressentimento como afeto. No quadro teórico da criação de



valores, o ressentimento é o que fundamenta e justifica a moral judaico-cristã, bem como perpetua a enfermidade psicológica do homem moral, uma vez que o mantém cheio de ódio e sedento por vingança. Atualmente, o ressentimento é um afeto muito comum nas relações humanas: ele está presente e é disseminado e reforçado, diariamente, nas redes sociais. Levando em consideração o âmbito micro, ele aparece no trabalho, na igreja e na escola; no âmbito macro, ele aparece nas relações econômicas e bélicas entre países. Uma investigação sobre o conceito de ressentimento, à luz das ideias de Nietzsche, pode auxiliar na melhor compreensão do funcionamento intrapsíquico deste afeto; pois nele se expressa a compreensão das relações que o homem estabelece, seja consigo mesmo, com as instituições, com o passado e com o presente. A proposta entrevista por Nietzsche de substituição da moral vigente pela moral do *Além do homem*, expressão da moral do homem livre dos vermes do ressentimento, é uma proposta de retomada da vontade de potência íclita que constitui o ser humano.

Viver, pura e simplesmente, como exteriorização do que o ser humano possui de orgânico, sem a necessidade de nenhuma outra virtude que lhe seja externa, eis a forma de superação do ressentimento e a retomada da potência de vida. Uma proposta para homens de rebanho? Certamente, não! Esta proposta é para qualquer um, qualquer homem que assuma a sua vida e a exteriorização desta como uma criação, qualquer um capaz de transformar tudo aquilo que o ameaça em ampliação de suas forças. O homem do ressentimento não é nada de tudo isso. Sua constituição ressentida é, por si mesma, fruto da forma como encara a vida. O que lhe acontece – através dos fatos explicáveis ou não – acaba assumindo um caráter não natural, um caráter que não lhe é próprio. O resultado é o surgimento de uma vida artificial, que precisa de uma interpretação transcendente, cuja essência, aos olhos de Nietzsche é expressão de uma doença, expressão da vida interpretada e não da vida vivida, exteriorizada.



## REFERÊNCIAS

**ABBAGNANO**, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

**AZEREDO**, Vânia Dutra. Ressentimento. In: MARTON, Scarlet. (ORG.). **Dicionário Nietzsche**. São Paulo: Loyola, 2016, p. 364-366. [Verbete de dicionário].

**DELEUZE**, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

**DOSTOIÉVSKI**, Fiódor. **Memórias do subsolo**. 6 ed. Trad. Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2009.

**JANZ**, Curt Paul. **Friedrich Nietzsche: uma biografia**. Petrópolis: Vozes, 2016 [3 v.].

**NIETZSCHE**, Friedrich. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. [Edição original: 1887].

\_\_\_\_\_. **Crepúsculo dos ídolos: ou como se filosofa com o martelo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. [Edição original: 1889].

\_\_\_\_\_. **Ecce homo: como alguém se torna o que é**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. [Edição original: 1908].

\_\_\_\_\_. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011 [Edição original: 1883-85].





**GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. O humano como memória e como promessa.** Petrópolis: Vozes, 2013.

**PASCHOAL, Antonio Edmilson. Nietzsche e o ressentimento.** São Paulo: Humanitas, 2015.

**WOTLING, Patrick. Vocabulário de Friedrich Nietzsche.** São Paulo: Martins Fontes, 2011.